

## As atividades de formulação textual da língua falada em uma entrevista televisiva

Maikely Teixeira Colombini  
*Universidade Federal de Viçosa*  
*Viçosa-MG*

Welton Pereira e Silva  
*Universidade Federal de Viçosa*  
*Viçosa-MG*

**Resumo:** No presente trabalho são abordadas algumas noções apresentadas por José Gaston Hilgert (1993) no esboço de uma fundamentação teórica para o estudo das atividades de formulação textual. Pensando que um programa de entrevista é um sistema de trocas de fala, regulado por um sistema de troca de turnos, a proposta visa a identificação de iniciativas de construção linguístico-comunicativas. Para isso, é preciso considerar um enunciador e um enunciatário, uma proposta de comunicação e, ainda, a interação com o qual o processo comunicacional se realiza.

**Palavras-chave:** Formulação textual. Língua falada. Entrevista televisiva.

**Abstract:** This paper will approach some notions presented by José Gaston Hilgert (1993) in an outline of a theoretical foundation to the study of textual formulation activities. Considering that a program of interview is a system of speech turns, regulated by a system of change of turns, our study aims at identifying initiatives of linguistic-communicative construction. In this regard, it is necessary to consider an enunciator and an enunciatee, the communication intent and also the context of interaction where the process takes place.

**Keywords:** Textual formulation. Spoken language. Television interview.

### Introdução

A organização da tomada de turnos é, sem dúvida, um fenômeno recorrente na fala-em-interação que merece, desde a década de 1970, investigações formidáveis na Análise da Conversa Etnometodológica. Freitas e Machado (2008) apontam essa sistemática de tomada de turnos como a descrição da organização e ordenamento das regras da fala-em-interação sob o ponto de vista não só da alocação das oportunidades de falar, mas também dos elementos que compõem cada turno de fala. É preciso ainda ressaltar a sequencialidade como constituinte central das ações dos participantes neste processo.

Na primeira parte do trabalho é explicada a metodologia seguida na pesquisa e explicita-se que, para a compreensão dos mais variados cenários, inclusive das atividades de formulação textual, a descrição da sistemática de troca de turnos se faz relevante. Não é por acaso que para Hilgert (1993), o turno é a unidade básica da organização conversacional.

Em um segundo momento, faz-se uma análise e discussão de dados de uma entrevista televisiva. Trata-se de um programa de entrevista televisiva, exibido no dia 31/10/09. A partir desta, são analisados problemas de formulação, uma vez que, conforme Hilgert (1993), as atividades de formular são desencadeadas por problemas de compreensão que decorrem do processo de dar forma. Por fim, são trazidas algumas considerações finais.

Segue a transcrição da entrevista:

[00:00 - 02:48]

1		Você sempre foi uma, uma pessoa que procurô
2	Entrevistadora	a meditaçã:::o o es[ <u>tar bem</u> ze:n]((descrição gestual com as
3		mãos))
4	Entrevistada	[(hhhhhhhhh)]
5	Entrevistadora	é um dedinho aqui ((descrição gestual com as mãos)) não é verdade? (0.3)
6	Entrevistada	Hhsim
7		é eu sou zem vergonha né=
8	Entrevistadora	=(hhhhh)=
9		=porque esse negócio de zem a gente procura justamente
10		pra tentar achar um um centro assim
11		mas eu sou <u>extremamente</u> é (0.2)
12		pra fora né?
13		tô sempre uma <u>antena</u> assim tentando captar (0.58)
14		novidades e <u>notícias</u> e,(0.36)
15		e tudo o que <u>há</u> de melhor <u>sempre</u> né?
16	Entrevistada	pra eu evoluir.
17		mas eu (0.2) eu >realmente< assim eu
18		desde que eu conheci a ioga, a meditação eu (0.2)
19		<u>aproveitei</u> isso
20		e fiz disso um um <u>patrimônio</u> pra minha vida assim
21		porque eu sei . que (0.7)
22		°se° <u>tudo</u> mais falhar

(continua...)

(continuação.)

23	Entrevistada	eu vou lá pro meu quartinho
24		e me fecho
25		e se eu ficar ali uma hora e meia
26		eu resolvo [tudo]
27	Entrevistadora	[você se] resolve?
28	Entrevistada	°hhsim°
29	Entrevistadora	mas (ahahah) eu não sei
30		eu sempre olho uma doce criatura assim (0.4) e [fico]=
31	Entrevistada	= [hhhh] =
32	Entrevistadora	= imaginando que ca:so chegue a explodir pode ser
33		>violento<? (0.8)
34	Entrevistada	°Não violento não°
35		mas eu (0.3)
36		ultimamente assim a minha,
37		minha maior questão hoje né?
38		>ontem ontem de ontem<
39		mas hoje
40		é assim é lidar com a raiva (0.8)
41		do dia-a-dia
42		assim de coisas que te tirem do sério (0.2)
43	Entrevistadora	O que por exemplo? (0.2)
44	Entrevistada	O trânsito (0.4)
45		uma criança fazendo pirra:ça (0.8)
46		igual os meus filhos (0.3)
47		querendo quebrar a minha cristaleira= (0.7)
48	Entrevistadora	= [hhhhhhh] =
49	Entrevistada	= bobagens ou coisas maiores né?
50		peças é
51		gritando no trabalho (0.3)
52		ou (0.2)
53		é: (0.6)
54		não sei
55		alguém violentando uma criança
56		um animal sa↑be
57		>qualquer coisa que te tire do sério<
58		como lidar com isso?
59		porque é uma coisa que vem da gent- um mon:stro que sai

(continua...)

(continuação.)

60	Entrevistada	da gente né?
61		acho que ninguém é bonzinho
62		ninguém é (0.5)
63		sabe então
64		é uma coisa de como lidar com isso assim eu (0.9)
65		é eu com esse lance de trânsito no dia-a-dia eu fico
66		realmente fora (0.3)
67		fora de mim
68		assim então é (0.7)
69		Como vou lidar com isso pra pra não me sentir assim
70		entendeu pra não afetar (1.0)
71		hhde repente uma criança né?
72		uma criança tá fazendo uma coisa errada (0.5)
73		dá vontade de dar uma chacalhada (( fala em tom
74		furioso))
75	né e de repente é uma problema meu uma questão minha porque ele é um bebê	
76	Entrevistadora	Quando você fala
77		>você ta falando<
78		quando uma criança faz e dá vontade de dar uma
79		chacalhada você está falando de filhos?
80	Entrevistada	nesse caso sim.
81	Entrevistadora	mas eu conheço isso sabia
82		e acho que é
83		seria hipocrisi:a de qualquer mulher (1.2)
84		é (0.4)
85		com uma carreira,(0.4)
86		com desejos,
87		com (0.5) sonhos cum cum
88		alé:m da maternidade e da (0.5) e da vida doméstica (0.4)
89		seria hipocrisia (0.6) não adm:tir (0.7)
90		que <u>tem</u> momentos de [Raiva]= ((fala em tom de raiva))
91	Entrevistada	=[sim]=
92	Entrevistadora	=>que vai falar essa criança está me enlouquecen:do num é
93		<((fala em tom de raiva))
94	Entrevistada	sim (0.5)
95		mas é isso que eu estou dizendo

(continua...)

(conclusão.)

96	Entrevistada	como lida:r melhor com esses percalços do dia-a-dia
97		na verdade é essa a minha busca
98		por um lado mais oriental até da medicina,
99		alimentação,
100		é tudo pra tentar lidar melhor com tudo isso
101		porque eu acho que são muitas coisas que envolvem.

## Metodologia

A busca pela racionalização do comportamento humano sempre caracterizou a Análise da Conversa Etnometodológica (ACE), ou seja, procurou-se, desde o seu surgimento, entender como se dá, a partir da observação de procedimentos de que se apropriam os membros de uma sociedade, a organização da interação social. Em linhas gerais, Leticia Ludwig Loder aponta que

[...] o que se busca em ACE é observar interações ‘em contextos do mundo real, entre pessoas que têm relacionamentos reais, cujas falas têm consequências e justificativas reais’ (HERITAGE 1988, p. 23) e fazê-lo, tanto quanto possível, com o mínimo de interferência do analista, externo à interação sob análise. (LODER, 2008, p. 127).

Quando os gravadores para registros sonoros em fitas magnéticas começaram a se tornar mais acessíveis, este fato foi de grande interesse para estudiosos da Análise da Conversa, já que o pesquisador não mais dependia simplesmente da memória. Este instrumento permitiu que o pesquisador atingisse detalhes imprescindíveis na fala-em-interação, além de outros ganhos, como a facilidade que os pesquisadores têm de compartilhar dados que podem ser analisados posteriormente por outros pesquisadores.

É certo que o registro é a base das interações. No entanto, a ACE buscou ainda representá-las em meio escrito a partir de transcrições, possibilitando um debate das análises, em um segundo momento. Para atender aos interesses da ACE surgiu o sistema Jefferson de transcrição, desenvolvido inicialmente por Gail Jefferson na ordenação dos primeiros materiais de análise de Sacks e Schegloff. O pioneirismo de Jefferson na área e o desenvolvimento dos trabalhos em ACE favoreceram a consolidação desse modelo, nos dias atuais empregado por analistas do mundo inteiro.

Cabe a ressalva de que, em toda transcrição, as motivações teóricas do transcritor demarcam a pesquisa. Transcrever é realizar escolhas e, nesse sentido, não é possível falar em transcrições que compreendam todos os fenômenos envolvidos na interação. No modelo Jefferson, propriamente dito, busca-se registrar as elocuções tal qual foram produzidas pelos participantes, considerando que todo e qualquer elemento produzido poderá se tornar relevante ao longo da interação.

Considerando a disposição gráfica no modelo de Gail Jefferson, nota-se, como aponta Loder (2008), que as informações na transcrição estão dispostas em três colunas, respectivamente, com a indicação do número da linha, indicação do participante a quem a elocução é atribuída e a transcrição propriamente dita das elocuções proferidas por cada participante. Quanto à leitura, esta se organiza de cima para baixo e da esquerda para a direita e a noção de sequencialidade está acoplada à ideia de tempo.

A transcrição marca a troca na vez de cada participante tomar a palavra, sendo cada elocução atribuída a um dado participante. Para facilitar o enfoque na análise de determinados fenômenos, a transcrição é numerada por linhas, em geral, em formato corrido, mudando-se de linha apenas quando se atinge a margem direita ou quando há o final da construção de um turno que é dito por cada participante em sua vez de falar e a conseqüente troca de falantes. O turno, por sua vez, diz respeito ao que é dito por cada participante no momento de fala.

Ainda destacando as convenções principais do modelo Jefferson, de acordo com Loder (2008), há aspectos de produção da fala, tais como a entonação e a prosódia, que são marcados pelo ponto final, quando a elocução é produzida com entonação descendente e pelo ponto de interrogação, quando a elocução é produzida com entonação ascendente, ambos com um contorno de finalização da fala. Em sentido oposto, ou seja, de contorno não final, tem-se a vírgula, que sinaliza uma elocução produzida com entonação de continuação. Quando algum som ou sílaba é prolongado, os dois-pontos são utilizados tanto quanto necessários para sugerir a duração do prolongamento. É importante observar que estes sinais não correspondem a sinais ortográficos de pontuação, na verdade eles indicam a entonação na produção das elocuções.

Prosseguindo em elementos que marcam aspectos de produção da fala, há as flechas para cima (↑) e para baixo (↓) que apontam para quando o som ou elocução é produzido com subida ou descida entonacional abrupta, respectivamente. O hífen (-) é usado quando há um corte abrupto na produção vocal de algum som ou elocução (com parada dental ou gutural normalmente). A sublinha é empregada quando um som ou parte da elocução é mais forte (em termos de intensidade do som); as maiúsculas, quando o volume de um som ou elocução é destacadamente mais alto do que os demais no seu entorno (a exemplo de gritos).

Há ainda os sinais de grau (°), apropriados quando o som ou a elocução é mais baixa do que os demais no seu entorno. E caso o volume do som seja muito baixo, virá antecedido e seguido de sinais de grau duplos. Os sinais de maior do que e menor do que (> <) são usados quando o som ou elocução é produzido em velocidade mais acelerada do que os demais, e os sinais menor do que e maior do que (< >) quando o som ou elocução é produzido em velocidade mais lenta. Have (1999), citado por Loder (2008, p. 139) reconhece uma das limitações do modelo de transcrição Jefferson no fato de que a transcrição de elementos de natureza prosódica e entonacional acaba sendo impressionista. É nesse sentido que ele introduz o argumento do relativismo do processo de transcrição.

Quando mais de um interlocutor fala ao mesmo tempo, sinalizam-se os pontos de início e final das falas simultâneas com colchetes. É possível ainda destacar duas elocuições que iniciaram juntas com o uso de colchetes duplos. Para alinhar os colchetes de início e fim da sobreposição, há quem empregue espaços em branco (entre as letras ou palavras das elocuições sobrepostas).

No modelo Jefferson de Transcrição constam também convenções para demonstrar inspirações/expirações e risos, que podem ser marcados, por exemplo, por uma série de h precedida de ponto (.hh) quando há inspiração audível; quando há expiração audível por uma série de h (hhh); e quando há expiração explosiva audível (riso, por exemplo) em meio à produção de um som, palavra ou elocução com a letra h entre parênteses. O riso pode também ser indicado com sequências de @.

Para grifar lapsos de tempo, o modelo apropria-se de números entre parênteses simples, separados por vírgula quando ocorrem silêncios (ausência de produção vocal de todos os interlocutores). Cabe lembrar

que a unidade é o segundo, logo (0,7) significa zero segundos e sete décimos de segundo. O ponto entre parênteses ( . ) marca silêncios de menos de dois décimos. É necessário, mais do que ater-se precisamente à extensão do silêncio, ser consistente na produção de cada transcrição, de modo que seja possível comparar os resultados. Quanto à posição dos silêncios na transcrição, de modo geral, quando há troca de turnos, o silêncio é interturnos, sinalizado em linha própria, e quando o silêncio é intraturno, o lapso de tempo pode estar registrado dentro do turno de fala do interlocutor, ou em linha própria, caso o turno anterior já tenha atingido uma posição relevante para a troca de turnos. Mais do que mera problematização, o registro de lapsos de tempo é muito relevante no rumo da co-construção das ações desenvolvidas na interação.

No modelo em questão, formatação, comentários e dúvidas podem ser marcados por sinais de igual quando um turno de fala não puder ser graficamente registrado numa única linha e, entre a primeira linha e sua continuação, houver um turno sobreposto de outro interlocutor. Os sinais de igual também podem ser usados quando, ao término de um turno, o outro interlocutor tomar o turno imediatamente, sem lapso de tempo entre os dois turnos. Nesse caso, os sinais serão empregados no final de uma linha e no início da seguinte, indicando contiguidade das elocuições de falantes diferentes. Quando o transcritor não consegue compreender sons vocais e quando há dúvida quanto ao que foi dito pelos participantes, pode empregar um segmento de fala ou espaço em branco entre parênteses simples indicando a parte inaudível da elocução. Há pesquisadores que empregam ainda sequências de x entre os parênteses simples.

Há situações em que não há certeza da audição, embora seja possível distinguir algum som ou parte da elocução. Nesses casos, pode-se registrar o excerto por meio de parênteses simples. Quando há dúvida quanto ao participante que proferiu determinada elocução, podem-se empregar parênteses com uma indicação do interlocutor sobre o qual se tem dúvida ou espaço em branco na coluna de identificação do falante. Quando os sons registrados na gravação figurarem como descrições breves, por serem de difícil transcrição ou por serem principalmente não-vocais, serão colocados entre parênteses duplos. Descrições de detalhes da cena interacional ou caracterização da fala, tais como que o interlocutor está fungando, figuram ainda nessa categoria, podendo também vir em *itálico*.



Estes detalhes mostram-se cruciais para as análises experimentais que se almeja produzir. Estas convenções apontam ainda para a complexidade que há na construção da ação social na fala-em-interação. Para uma melhor compreensão da interação transcrita acima, encontra-se, em anexo ao final do presente trabalho, uma tabela com as principais convenções de transcrição do Modelo Jefferson.

### **Fundamentação teórica**

O turno, unidade básica da organização conversacional, pode ser apontado como a realização de uma ou mais atividades linguísticas, que carrega implicitamente em seu sentido a função comunicativa, enquanto que o texto conversacional pode ser notado como uma sequência dessas atividades linguístico-comunicativas, que são realizadas no processo interacional. Esse texto pode receber três enfoques analíticos, apontados por José Gaston Hilgert (1993). São eles: pode ser descrito como um conjunto estruturado de atividades ilocucionais; os enunciados que o constituem podem ser entendidos como atividades responsáveis pelo estabelecimento de relações sociais e por um jogo de imagens entre os interlocutores; e a produção dos enunciados linguísticos organizadores do texto pode ser considerada como uma atividade em si mesma. Esta última categoria faz referência a procedimentos a que os interlocutores recorrem na construção do texto.

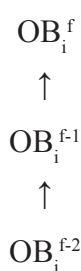
Hilgert (1993) desenvolveu a sua pesquisa com o respaldo da revisão crítica que Motsch e Pasch (1987) fazem da *Teoria dos atos de fala* e dos *Fundamentos de uma teoria da formulação*, de Antos (1982). Ele propõe um estudo das denominadas atividades de formulação textual e, para tanto, parte do princípio de que “[...] o texto falado pode ser concebido como uma sequência hierarquicamente organizada de atividades linguísticas, mais especificamente, de atividades ilocucionais.” (HILGERT, 1993, p. 101).

Motsch e Pasch (1987, p. 17), citados por Hilgert (1993) reuniram os componentes da atividade linguística na fórmula: AL= (e, int, cond, cons). Para eles, uma atividade ilocucional se realiza quando “[...] uma pessoa produz um enunciado linguístico (e) e quer com ele conseguir (int) que uma outra pessoa mostre uma determinada reação. Para esse fim, aquela considera determinadas condições (cond) e avalia possíveis consequências (cons).” (HILGERT, 1993, p. 101). Pensando, é claro, essa atividade na perspectiva da interação dialogal.

Para constatar uma atividade ilocucional, raciocine-se sobre uma situação com dois participantes envolvidos: o telefone começa a tocar e um dos participantes grita: “- Estou no banheiro”. Nesta situação, “Estou no banheiro!” é o enunciado (e) produzido para conseguir que o outro participante compreenda a sua intenção, ou seja, que o outro envolvido atenda ao telefone. As condições necessárias (cond) para que esse objetivo possa ser alcançado estão no próprio enunciado. Neste caso, há uma dependência da aceitação do outro, uma vez que se trata de um pré-pedido indireto. Quanto às possíveis consequências (cons), espera-se que, entendida a intenção do enunciado, o outro participante atenda ao telefone.

Segundo Motsch e Pasch (1987), citados por Hilgert (1993, p. 102), a realização de uma atividade ilocucional pode envolver atividades perlocucionais, ou seja, que pressupõem mudança de atitude, tais como assustar e alegrar; atividades que “[...] realizam uma espécie de ‘superestrutura’ do texto, tais como narrar e argumentar; atividades inerentes à natureza dialogal do texto, tais como responder e replicar; atividades de composição textual, tais como fundamentar e parafrasear. Nestas últimas se localizam as atividades de formulação.

As atividades de composição textual não pressupõem atividades ilocucionais, mas estabelecem as condições necessárias para que se atinja determinado objetivo em relação ao enunciatário. Espera-se, enquanto reações básicas possíveis do enunciatário, que este responda a uma pergunta; realize uma atividade e creia em algo. Mas é preciso considerar este processo como complexo, uma vez que se dá por etapas. Motsch e Pasch, citados por Hilgert (1993, p. 104) representam essa trajetória, a partir do seguinte esquema:



Nele é notório que, para alcançar o objetivo ilocucional fundamental, é preciso alcançar, antes disso, objetivos parciais. Cabe ao enunciador, assegurar ao enunciatário as condições para que este reconheça sua intenção e aceite realizar o objetivo a que ele visa, para que, em um segundo momento, ele mostre a reação desejada, pensando a atividade ilocucional como a realização de objetivos dispostos hierarquicamente.

Não é fortuitamente que se recorre a atividades de formulação. Hilgert (1993) pontua que se trata de procedimentos a que recorrem os interlocutores para resolver, contornar, ultrapassar ou impedir problemas, obstáculos ou barreiras de compreensão e, portanto, de formulação com que se deparam no desenvolvimento da construção enunciativa. São procedimentos comuns a esse fim: acentuar, completar, corrigir, exemplificar, explicar, parafrasear, precisar, repetir, resumir.

Hilgert (1993) distingue problemas formulados (verbalizados) e não-formulados (não-verbalizados). Para ele, em problemas formulados, o enunciador só percebe o problema após ou durante a sua formulação. Enquanto que em problemas não-formulados (não-verbalizados), o enunciador capta a dimensão do problema antes de formulá-lo e, nesse sentido, ele para o desenvolvimento da formulação; preenche com sinais variados, a lacuna de tempo necessária para a definição de uma alternativa adequada; e, definida essa alternativa, com ela prossegue a formulação. Em problemas formulados, quando se percebe o problema, é comum que o enunciador recorra a atividades metaformativas, a partir de uma série de tentativas de formulação. É considerado um problema qualquer necessidade que os interlocutores tenham de corrigir, parafrasear, repetir, ou alguma outra atividade, no desenvolvimento da formulação.

### **Análise e discussão de dados**

A transcrição que compõe o nosso *corpus* de análise é oriunda de uma entrevista televisa que é considerada, de acordo com as bases teóricas da Análise da Conversa Etnometodológica, como um tipo relativamente diferente de interação. Ressalta-se que, de acordo com Garcez (2002), os pesquisadores Drew e Heritage (1992) perceberam e descreveram três fatores principais que caracterizam uma conversa institucional. Esses fatores são explicitados a seguir:

1 A interação institucional envolve uma orientação por parte de pelo menos um dos interagentes para alguma meta, tarefa ou identidade fulcral (ou conjunto delas) convencionalmente associada com a instituição em questão. Em suma, a conversa institucional é normalmente informada por *orientações para metas*, de caráter convencional relativamente restrito.

2 A interação institucional pode amiúde envolver *limites especiais e particulares* quanto àquilo que um ou ambos os participantes vão tratar como contribuições admissíveis ao que está sendo tratado na ordem do dia.

3 A interação institucional pode estar associada a arcabouços inferenciais e procedimentos que são peculiares a contextos institucionais específicos. (DREW & HERITAGE, 1992 *apud* GARCEZ, 2002, p. 57. Grifos no original)

Nota-se, portanto, que ao contrário da conversa ordinária, cotidiana, na conversa institucional há uma espécie de objetivo, uma meta que deve ser cumprida. Em uma consulta médica, por exemplo, é um possível diagnóstico; em uma interação em sala de aula, a explicação de algum conteúdo acadêmico e em uma interação em ambiente judicial, a resolução de um conflito. É interessante observar que nas interações institucionais, o representante da instituição deterá certo poder em relação aos demais participantes. Dessa forma, na entrevista aqui analisada, por exemplo, a entrevistadora é a representante da instituição e cabe a ela a manutenção dos turnos.

Na medida em que a conversa institucional possui uma meta à qual os participantes da interação almejam alcançar, faz-se necessário que os turnos sejam bem formulados para que o próximo participante da interação possa compreendê-lo de forma adequada e dar prosseguimento à conversa.

Quando as atividades de formulação são devidamente deliberadas, elas não mais colocam em risco a intercompreensão conversacional. Em textos de língua falada, estas atividades são estratégias muito necessárias. Para Antos (1982, p. 160), citado por Hilgert (1993, p. 109), “[...] sempre que, no processo de formulação textual, o enunciador não encontra uma alternativa de formulação imediata e definitiva, caracteriza-se a ocorrência de um problema de formulação.” Segundo Schegloff, Jefferson e Sacks (1977, p. 362), citados por Hilgert (1993, p. 110), há ainda a procura de uma palavra apropriada como uma estratégia de formulação, a exemplo das hesitações. Faça-se a constatação na passagem seguinte:

27	Entrevistadora	[você se] resolve?
28	Entrevistada	°hhsim°
29	Entrevistadora	mas (ahahah) eu não sei
30		eu sempre olho uma <u>doce</u> criatura assim (0.4) e [fico]=
31	Entrevistada	= [hhhh] =
32	Entrevistadora	= imaginando que <u>ca</u> :so chegue a explodir pode ser
33		>violento<? (0.8)

A entrevistadora, seguindo o curso da formulação, após a ocorrência de mas, na linha 29, tem dificuldade em encontrar a palavra adequada para dar sequência ao turno. Neste caso, ela faz uso da expressão hesitativa ahn, que

explicita um problema de formulação. Na linha 32, a partir de um fenômeno prosódico de alongamento vocálico, outro problema formulativo é identificado. Nesse exemplo, o alongamento é enfático. Para Marcuschi (1993), a hesitação revela os procedimentos adotados pelos falantes para resolverem os problemas que surgem devido ao processamento *on-line* de formas e conteúdos.

Marcuschi (1993) aponta também a repetição como uma das estratégias de formulação textual mais presentes na oralidade e, entre as suas várias funções, favorece a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis. Veja o exemplo:

73	Entrevistada	dá vontade de dar uma chacalhada (( fala em tom
74		furioso))
75		né e de repente é uma problema meu uma questão minha porque ele é um bebê

Neste excerto, na linha 75 ocorre um caso de autorrepetição, pois o próprio falante produz a repetição em sua fala. Quanto à distribuição na cadeia textual, trata-se de uma repetição adjacente, ou seja, próxima à matriz, que nada mais é que a primeira entrada do segmento discursivo.

A interrupção, fenômeno intrínseco da oralidade, é na visão de Coste (1986), citado por Silva e Crescitelli (1993, p. 72), uma ruptura no desenvolvimento sintático do enunciado. No excerto abaixo, vê-se um caso de auto-interrupção em que o próprio falante faz uma parada no seu dizer. Na linha 59, a materialização da interrupção se dá a partir de um corte lexical, ou seja, a quebra que se verifica ocorre no interior da palavra.

57	Entrevistada	>qualquer coisa que te tire do sério<
58		como lidar com isso?
59		porque é uma coisa que vem da gent- um <u>mon:stro</u> que sai
60		da gente né?
61		acho que ninguém é bonzinho

De acordo com Hilgert, a exemplificação também é uma atividade comum de formulação que objetiva a boa intercompreensão. Observe-se o seguinte exemplo:

44	Entrevistada	O <u>trânsito</u> (0.4)
45		uma criança fazendo pirra:ça (0.8)
46		igual os meus filhos (0.3)
47		querendo quebrar a minha cristaleira= (0.7)

Nota-se que a entrevistada concatenou o que a deixa nervosa, de acordo com a pergunta da entrevistadora e, para ser mais explícita, exemplificou nas linhas 46 e 47 o que é uma criança fazendo pirraça.

A correção de algo que foi dito no turno anterior também é considerado um caso típico de formulação textual. Encontra-se um exemplo na linha 34, no excerto transcrito abaixo:

29	Entrevistadora	mas (ahahah) eu não sei
30		eu sempre olho uma doce criatura assim (0.4) e [fico]=
31	Entrevistada	= [hhhh] =
32	Entrevistadora	= imaginando que ca:so chegue a explodir pode ser
33		>violento<? (0.8)
34	Entrevistada	°Não violento não°
35		mas eu (0.3)
36		ultimamente assim a minha,
37		minha maior questão <u>hoje</u> né?
38		>ontem ontem de ontem<
39		mas hoje
40		é assim é lidar com a <u>raiva</u> (0.8)
41		do dia-a-dia
42		assim de coisas que te tirem do sério (0.2)

Observa-se que a entrevistada corrigiu a formulação produzida pela entrevistadora por não concordar com o que havia sido dito e, posteriormente, dando prosseguimento à interação. A correção, normalmente, costuma ser realizada pelo próprio falante que produziu o turno para que se evitem determinados embaraços. Quando o falante seguinte é quem faz a correção do turno precedente, normalmente encontra-se uma explicação da discordância justamente para se atenuar os efeitos dessa ação. No excerto acima, não houve uma retratação imediata por parte da entrevistada, mas nota-se que o turno da linha 34 foi produzido em um tom abaixo do normal (indicado pelos sinais de grau), o que demonstra certo acanhamento por parte da entrevistada em corrigir a entrevistadora.

Reunindo as ocorrências levantadas no *corpus*, observa-se a predominância de hesitações e repetições. No total, contam-se onze repetições, nove hesitações, duas situações em que repetição e hesitação se mesclam, quatro correções e três interrupções com cortes lexicais.

## Considerações finais

Diante de tudo o que foi exposto, conclui-se, portanto, que as atividades de formulação textual são unidades típicas da língua falada. Trata-se de mecanismos que colaboram para evidenciar a intenção comunicativa e a construção dos sentidos dos textos. Essas estratégias ajudam os falantes a, de forma significativa, suprirem algumas necessidades de compreensão que podem surgir. No caso específico aqui analisado, essa questão se torna importante na medida em que a garantia da boa manutenção da conversa institucional se faz necessária para que a meta, a realização da entrevista, seja alcançada.

Um aspecto importante para o estudo das atividades de formulação é que um texto pode ser definido como o resultado de sucessivas soluções de problemas de formulação. Tendo identificado as atividades de formulação textual e, ainda, situando-as no processo de realização das atividades ilocucionais, percebe-se quão recorrentes são nos textos de língua falada, as estratégias de formulação.

Muitas vezes, o enunciador recorre a atividades metaformativas por precaução. O objetivo é prevenir-se contra o risco de não se fazer entender de forma clara, evitando problemas futuros.

## Referências bibliográficas

FREITAS, A. L. P. de; MACHADO, Z. F. Noções fundamentais: a organização da tomada de turnos na fala-em-interação. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Org.). *Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica*. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p. 59-93.

GARCEZ, P. M. *Formas Institucionais de Fala-em-interação e conversa cotidiana*: Elementos para a distinção a partir da atividade de argumentar. In PEREIRA, M. das G. D. *Interação e discurso*: Estudos na perspectiva da sociolinguística interacional / Áreas de interface. Rio de Janeiro: Trarepa, 2002.

HILGERT, J. G. Esboço de uma fundamentação teórica para o estudo das atividades de formulação textual. In: Castilho, A. T. (Org.). *Gramática do português falado*. Volume III. As Abordagens. Campinas: UNICAMP, São Paulo: FAPESP, p. 99-115, 1993.

LIMA, F. “Marília Gabriela Entrevista” Fernanda Lima. [31 de outubro, 2009]. Publicado no YouTube. Entrevista concedida a Marília Gabriela. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=N4mUGKBika8>>. Acesso em: 10 out. 2012.

LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Org). *Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica*. Campinas: Mercado de Letras, p. 127-161, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Hesitação. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume 1. Construção do texto falado. Campinas: UNICAMP, São Paulo: FAPESP, p. 48-70, 1993.

\_\_\_\_\_. Repetição. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume 1. Construção do texto falado. Campinas: UNICAMP, São Paulo: FAPESP, p. 219-254, 1993.

SILVA, M. C. P. de S.; CRESCITELLI, M. F. de C. Interrupção. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume 1. Construção do texto falado. Campinas: UNICAMP, São Paulo: FAPESP, p. 71-86, 1993.

### **Anexo I: Tabela de convenções do modelo Jefferson de transcrição**

[colchetes]	Indicam fala sobreposta
(0,5)	Pausas em décimo de segundo
(.)	Micropausa
=	Contiguidade entre a fala de um mesmo falante ou de falantes diferentes
.	Indica descida da entonação
?	Indica subida na entonação
,	Indica entonação de continuidade
:	Alongamento de som
-	Indica interrupção abrupta
<u>Sublinhado</u>	Indica acentuação ou ênfase no volume
MAIÚSCULA	Ênfase acentuada, normalmente, gritos
°palavra°	Sequência produzida em tom mais baixo
↑	Subida entonacional
>palavra<	Sequência proferida velocidade maior
<palavra>	Sequência proferida em velocidade menor
.hhh	Inspirações audíveis
((palavra))	Comentários do transcritor
(palavra)	Quando há dúvidas quanto à transcrição
( )	Quando não foi possível a transcrição